

A questão de gênero nas aulas de Educação Física escolar no Ensino Médio: uma proposta de intervenção com o conteúdo lutas.

MADEIRA, Gabrielle Santos¹; CARVALHO, Letícia Neofiti de¹; PEREIRA, Mateus Camargo²

¹Graduandas do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia campus Muzambinho – CeCAES – MG – leticianeofiti@yahoo.com.br - gabi.smadeira@gmail.com

²Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia campus Muzambinho – CeCAES – MG – matunicanp@gmail.com

Introdução:

Ao observarmos as aulas de Educação Física escolar nota-se com frequência a separação de gênero nelas existente. Para Daolio (2006), tal fato se deve às formas de construção do corpo pela sociedade, podendo-se afirmar assim que há uma construção cultural do corpo feminino diferente da construção cultural do corpo masculino que impõe estereótipos geradores da separação. Para Soares e Goellner (1994 apud Daolio 2006), homens e mulheres apresentam caracteres comuns ao gênero humano, embora também apresentem singularidades que demarcam a distinção entre os indivíduos e deveriam afirmar uma relação de alteridade e não de desigualdade. Goellner (2006) ainda afirma que devemos nos atentar, pois gênero é a condição social na qual nos identificamos como masculino e feminino o que é diferente de sexo, que identifica características anatômicas que diferenciam homens e mulheres. A partir do debate apresentado e da necessidade de compreender e superar a separação de gênero nas aulas de educação física, o presente estudo surgiu com o intuito de apresentar uma proposta que rompa com esse paradigma cultural, através da aplicação de 10 aulas mistas, em uma turma do Ensino Médio.

Materiais e Métodos:

O presente estudo foi realizado no Colégio Municipal Dr. José Vargas de Souza, situado na Avenida Champagnat, 668, no Centro da Cidade de Poços de Caldas

– MG. Participaram do estudo 31 alunos do terceiro ano do Ensino Médio, sendo 12 do gênero masculino e 19 do gênero feminino. Os alunos possuíam idade entre 16 e 19 anos. O período de observação e intervenção nas aulas se deu de 21 de março a 11 de maio de 2012. O Colégio possui um campo de futebol, três quadras - sendo uma coberta e duas descobertas - um galpão para a realização de atividades e salão de jogos que são disponibilizados para a prática de atividades aleatoriamente, pois são utilizados pelos demais professores.

Os procedimentos para realização da pesquisa foram os seguintes:

- Inicialmente foram feitas observações de 5 aulas de educação física da turma em questão, onde o foco se deu na forma de participação de meninos e meninas durante as aulas;
- Aplicação de 10 aulas do conteúdo lutas, a fim de observar as possíveis alterações na participação de meninos e meninas durante as mesmas.
- Foram realizadas coletas de dados diversas ao longo do trabalho, através de vídeos, fotos e relatórios.

Resultados e discussões:

A fim de cumprir com o objetivo proposto, inicialmente observamos cinco aulas onde constatamos a separação de gênero existente. As aulas observadas ocorreram da seguinte forma: nas aulas 1 e 2, a professora procurou trabalhar fundamentos de voleibol. Inicialmente, os alunos se sentaram em círculo e ela deu uma explicação geral de como funcionava o vôlei, os objetivos do jogo e o que seria trabalhado. Feito isso, pediu que os alunos se separassem em quatro filas de acordo com o gênero. Meninas ficaram de um lado e meninos de outro lado. Todos trabalhavam saques, arremessos, toques, porém meninos com meninos e meninas com meninas. Ao final dessas duas aulas ela organizou o jogo. Porém, montou dois times femininos para jogarem um contra o outro e dois times masculinos para que o mesmo ocorresse. Enquanto as meninas jogavam, os meninos ficavam em outro espaço jogando futebol. Após o término do jogo das meninas, elas ficavam nesse outro espaço jogando queimada até que o jogo deles terminasse e elas pudessem jogar novamente. Na aula 3, a professora elaborou uma palestra “só para meninas”, onde falou sobre absorventes, pois disse que viu a necessidade de falar sobre esse assunto. Enquanto as meninas participavam da palestra, os meninos ficaram jogando futsal a aula toda. Nas aulas 4 e 5, a professora

trabalhou o handebol. Inicialmente ela deu uma atividade lúdica que trabalhava alguns princípios do handebol, onde todos participaram conjuntamente. Após a atividade lúdica a professora novamente pediu que as meninas se dividissem em duas equipes e os meninos também para que pudessem jogar. Durante o jogo das meninas foi permitido que os meninos jogassem somente no gol para auxiliá-las.

Através do relato das aulas, comprova-se a separação de gênero, que ocorreu praticamente o tempo todo. Em alguns momentos houve a tentativa de que algum dos meninos entrasse em um dos times durante os jogos para completar o time, mas logo eram reprimidos com falas como “Não, você só entra se for no gol senão esse time vai ficar mais forte” ou ainda, “ Ah não, ele não pode entrar no nosso time senão vai jogar a bola com força e nos machucar”. Diante de falas como esta a professora consentia, não procurava intervir, somente pedia que os meninos se retirassem ou assumissem a postura que as meninas determinassem para o jogo. Além disso, nota-se nas aulas que a própria professora procurava fazer a separação de gênero, que ocorreu na maioria das vezes. Daolio (2006) afirma que tal fato se deve aos professores de Educação Física sentirem dificuldade em se libertar de determinados preconceitos e começarem a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos. Talvez esta atitude esteja diretamente ligada à formação da docente, provavelmente voltada a aspectos biológicos, o que faz com que esta acredite que não há nada a ser feito, afinal os meninos são mais fortes. Desconsideram-se fatores culturais, políticos e econômicos. Neste sentido Daolio (2006) ainda propõe que se as habilidades motoras foram delegadas preferencialmente a um sexo, que haja nas aulas espaço para a discussão desses privilégios e que se inicie a transformação desses valores a partir das próprias aulas.

Após a observação e constatação feita, elaboramos 10 aulas do conteúdo lutas a partir da teoria crítico superadora. Esta teoria, de acordo com Coletivo de Autores (1992), define que a Educação Física é a disciplina que trata do conhecimento da área da cultura corporal e os temas da cultura corporal expressam um sentido que se interpenetram aos objetivos do homem e as intenções e os objetivos da sociedade. Sendo assim, buscamos nessa teoria formas de minimizar essa separação de gênero existente no grupo.

Durante a aplicação das aulas, fizemos as seguintes observações no que tange a separação de gênero:

Inicialmente procuramos apresentar o conteúdo e o que seria trabalhado durante as aulas, para que despertasse o interesse dos alunos. No início, ao citar o conteúdo, algumas alunas já se manifestaram, dizendo “não sirvo pra isso” ou “não temos força para lutar”, nos passando o entendimento de que as lutas eram coisas para meninos e não meninas. Então buscamos quebrar esse paradigma através de vídeos e histórias que mostravam a trajetória de mulheres nas lutas, mostrando-os que talvez o que é passado a eles através da mídia, familiares, talvez não corresponda a realidade. O ocorrido, talvez melhor seja explicitado ao citarmos Goellner (2010), que afirma que o gênero não é algo que está dado, mas construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que marcam os corpos a partir do que acredita-se ser masculino ou feminino.

Além disso, perguntamos à classe se havia alguém que praticava algum tipo de luta e encontramos 6 meninos que disseram praticar ou já terem praticado alguma modalidade e apenas 1 menina. Esse número maior de meninos que praticam ou praticaram talvez seja justificado por Goellner (2010) que afirma que as meninas são menos incentivadas que os meninos por parte de familiares e/ou amigos a participarem de práticas esportivas. Cabe a nós educadores incentivá-las criando estratégias para que se sintam desafiadas a permanecer nessas atividades e desenvolver suas potencialidades.

Quando propusemos atividades como o braço de ferro, por exemplo, os próprios alunos já faziam suas duplas, separando meninos e meninas. Em atividades como o cabo de guerra, as meninas sempre queriam mais meninos no seu time ou os que eram considerados maiores e mais fortes. Para Goellner (2010), cabe aos educadores romper com a idéia de que a aparência corporal determina o julgamento que se faz sobre a pessoa. A fim de quebrar paradigmas como este, propusemos uma aula de defesa pessoal, onde demonstramos golpes onde meninas facilmente poderiam “deter” os meninos, atividades estas onde a técnica falava mais alto que aspectos físicos. A partir desse momento a realidade das aulas começou a ser alterada. Meninas deixaram de acreditar que seriam sempre derrotadas pelos meninos ou até por meninas que aparentavam maiores e mais fortes, o que se comprova em falas como: “Olha, ela é maior que eu e eu consegui vencê-la!”, “Nossa, não acredito que consegui derrubar ela, não é possível!”. Neste momento ainda levamos os alunos a refletirem que talvez não fosse a força ou o tamanho da pessoa, mas o tempo que ela praticava determinados movimentos e os conhecimentos que ela já tinha talvez fizesse com que ela se sobressaísse em relação aos demais.

Nesse momento algumas meninas que até então se mostravam indiferentes, começaram a querer participar mais das aulas, sendo que algumas disseram que após terem conhecido, procurariam locais para realizar alguns tipos de luta. Nas ultimas aulas problemas de separação de gênero não foram totalmente eliminados. Entretanto, houve uma grande redução, e no final, ao montarmos pequenas disputas de lutas pudemos ver meninas disputando com meninos sem problemas maiores.

Em alguns momentos nos deparávamos muito com meninas que diziam: “Não vou fazer esses movimentos, pois isso é coisa de mulequee!” ou ainda algo do tipo “ah professora, pega mal fazer isso, é coisa de menino!”. Quando isso ocorreu, fizemos discussões ao final da aula, a fim de que essas opiniões fossem alteradas, e ao mostrarmos que não havia “as coisas de menina” e “coisas de menino” que eles tanto citavam, acabaram por formar um novo conceito, o que reduziu falas e atitudes que os privavam de certas práticas.

Além de questões como o fracasso motor que as meninas diziam ter, pudemos notar que devido à adolescência e às características de gênero a ela associadas, havia certo receio de realizar alguns movimentos e os meninos ficarem olhando, ou ainda de ficarem suadas por estarem se movimentando. Entretanto, quando se tratava de atividades lúdicas, elas acabavam por se esquecerem destes fatores e interagiam naturalmente nas brincadeiras.

Considerações finais:

A fim de cumprir com o objetivo proposto podemos afirmar através das aulas de lutas ministradas a partir da teoria critico superadora que houve alteração no pensamento dos alunos em relação a essa realidade, potencializada pela intervenção pedagógica dos educadores. A intervenção planejada minimizou exclusões e preconceitos, mostrando que devemos respeitar o individuo em suas diversidades.

O trabalho de intervenção feito através das questões de gênero que surgiram durante as aulas de lutas proporcionou aos alunos uma maior reflexão acerca da diversidade existente nesse sentido.

A abordagem feita durante as aulas fez com que as meninas não se preocupassem de se tornarem masculinizadas ou excluídas. Além disso, os alunos puderam perceber que questões como a aparência física e até mesmo o próprio gênero não os tornam melhores ou piores durante a realização de atividades. Consideraram que

mais importantes do que as características sexuais e biológicas, o tempo de prática e o conhecimento sobre elas, dentre outros fatores, é mais significativo do que essas características.

Além disso, as aulas ministradas tornaram os alunos mais participativos e menos incomodados com o fato de suarem ou até se sujarem durante a prática.

Sugerimos, para os próximos estudos que se desenvolva um número maior de aulas utilizando de outros conteúdos da educação física a fim de desmistificar essa separação de gênero, além de um estudo mais aprimorado.

Referências:

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Educação Física, cultura e futebol**. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. Campinas: Unicamp, 2006. 3ª ed.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Campinas: Caderno de formação RBCE, 2010